

Segundo dados da FAO, em 2002 a banana foi cultivada em 124 países e ocupou em 2002 uma área de 4,2 milhões de hectares, com uma produção de 69,5 milhões de toneladas. Apesar disto, apenas os cinco maiores produtores mundiais são responsáveis pela produção de 58% desse total. A Índia é o maior produtor, seguida pelo Equador, Brasil, China e Filipinas (Tabela 01).

Tabela 01. Situação dos cinco maiores produtores mundiais de banana em 2002 (FAO).

País produtor	Posição na produção mundial	Produção em milhões de toneladas	Área cultivada em mil hectares
Índia	Primeiro	16	490
Equador	Segundo	7,5	229
Brasil	Terceiro	6,3	508
China	Quarto	5,3	264
Filipinas	Quinto	5,1	390

No Brasil, segundo dados do IBGE, a cultura foi a segunda mais cultivada em 2001, sendo superada apenas pela da laranja. A área colhida foi de 510 mil hectares, com uma produção de 6,1 milhões de toneladas de frutos, o que correspondeu a um volume de

negócios superior a R\$ 1,8 bilhão. Os principais Estados produtores em 2001 foram: São Paulo, Bahia, Pará, Minas Gerais e Santa Catarina (Tabela 02). Esses cinco estados somam 59% da produção nacional.

Tabela 02. Situação dos cinco maiores produtores nacionais de banana de 2001 (IBGE).

Estado produtor	Posição na produção nacional	Produção em mil toneladas	Área cultivada em mil hectares
São Paulo	Primeiro	1100	54,0
Bahia	Segundo	717	47,4
Pará	Terceiro	712	58,3
Minas Gerais	Quarto	593	42,1
Santa Catarina	Quinto	585	28,8

Em Minas Gerais encontra-se bananais em todo o território, mas principalmente nas regiões Norte, Sul, Rio Doce, Central e Zona da Mata. A maior concentração da produção se encontra na região Norte (Tabela 03), que responde por 25% do total da produção mineira, onde os principais municípios

produtores são Jaíba, Nova Porteirinha, Janaúba, Verdelândia e Capitão Enéas. O município de Janaúba destaca-se como a capital desse pólo frutícola, girando aproximadamente de 3,5 milhões de dólares/mês e mais de 42 milhões de dólares ao ano, considerado um valor significativo para uma cidade de 60 mil habitantes.

Regiões	Área cultiva em mil ha	%
Total	40,561	100,00
Norte de Minas	9,252	25,56
Sul de Minas	9,943	24,51
Rio Doce	6,464	15,94
Central	4,893	12,06
Zona da Mata	4,184	10,32
Jequitinhonha/Mucuri	1,525	3,76
Alto Paranaíba	1,413	3,48
Triângulo	1,232	3,04
Centro Oeste de Minas	1,081	2,67
Noroeste de Minas	0,574	1,42

Tabela 03. Produção de banana por região, em Minas Gerais em 1998 (GCEA, 2000).

Uma das vantagens da região diz respeito ao seu clima, historicamente regular em termos de temperatura, insolação e índice pluviométrico. Apesar da baixa umidade relativa do ar, a regularidade favorece o planejamento de alternativas produtivas, contribuindo para a redução do risco climático, extremamente relevante na área agrícola. Ademais, a tecnologia de irrigação, originada tanto de iniciativas governamentais quanto

da organização do próprio setor privado, contribui sobremaneira para o desenvolvimento do pólo frutícola.

Dos 17 mil hectares ocupados pelo cultivo de frutas irrigadas no Norte de Minas, quase 70% é cultivado com banana, com safra anual em torno de 240 mil toneladas. Segundo informações da ABANORTE (Associação dos Fruticultores do Norte de Minas), essas 240.000 toneladas são comercializadas a um valor médio de 300 reais a tonelada, totalizando 72 milhões de reais ao ano. São gerados aproximadamente 60.000 empregos diretos e indiretos. A bananicultura é portanto uma atividade de grande relevância para a região.

O Norte de Minas se diferencia por trabalhar basicamente com a banana 'Prata Anã', apesar de possuir áreas cultivadas com outras variedades. O motivo que levou os produtores regionais a optarem principalmente pela banana prata, além da percepção de que a região possuía potencial para a fruticultura, foi a possibilidade de entrar em um mercado bastante amplo.

Em 2002 o norte de Minas Gerais verificou um aumento no abandono das áreas cultivadas. Esse processo já vem ocorrendo desde alguns anos devido à redução da rentabilidade dos produtores.

Neste ano, a alta da moeda norte-americana agravou a situação. Alguns produtores do norte mineiro tiveram de optar pela redução nos tratos culturais para se manter na atividade. O reflexo foi a queda da oferta e da qualidade em 2002. O IBGE confirma essa situação em Minas, onde a área plantada com a fruta caiu 0,2% no ano. Apesar da redução dos tratos prejudicar a qualidade da fruta, a expectativa dos produtores é de que o desestímulo ao plantio implique numa melhora nos preços em 2003 e na maior rentabilidade dos produtores

Consumo e variedades

O consumo per capita brasileiro de frutas, de 57 kg/pessoa/ano, equivale a um terço do consumo do europeu e do norte-americano (140 e 150 kg/pessoa/ano, respectivamente). A melhor notícia é que o consumo nacional, que em 1994 era de 36 kg/pessoa/ano, chegou em 1998, a 57 quilos, com um crescimento anual de 12%, com a banana e a laranja respondendo por 47%. O mercado interno consome 99% da produção de banana, sendo que cada região tem preferência por um determinado grupo de variedades.

Como em todas as atividades agrícolas, a escolha da cultivar de bananeira a ser implantada é fortemente determinada pelo mercado. O mercado interno é dividido em vários nichos, sendo que em alguns a demanda por Prata é predominante, noutros há preferência por frutos do subgrupo Cavendish. Há, ainda, em escala reduzida, mercados que consomem frutos para cozimento. No sudeste (exceto São Paulo), Norte e Nordeste há predomínio da 'Prata'. Nas CEASAs de São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Brasília, o volume comercializado de banana do tipo Nanica representa o maior percentual. Há alguns mercados com características que fogem à regra geral, indicando nichos específicos para algumas cultivares, como Salvador e Vitória, onde grande parte da banana comercializada era de cultivares do tipo Terra.

Como o consumidor mineiro tem preferência por bananas do tipo Prata, variedades pertencentes a este subgrupo são observadas na maior parte dos plantios do estado, seguida por variedades do subgrupo Cavendish. Em 2002, das 99 mil toneladas de banana ofertadas na CEASA GRANDE BH, maior central de abastecimento do estado, 56% foi de Prata e 36% de Nanica, sendo o restante (8%) dividido entre Maçã, Terra, Ouro e Marmelo (Figura 01). Desse total comercializado, 82% foi proveniente do próprio estado. Estes dados podem ser encontrados no www.ceasaminas.com.br

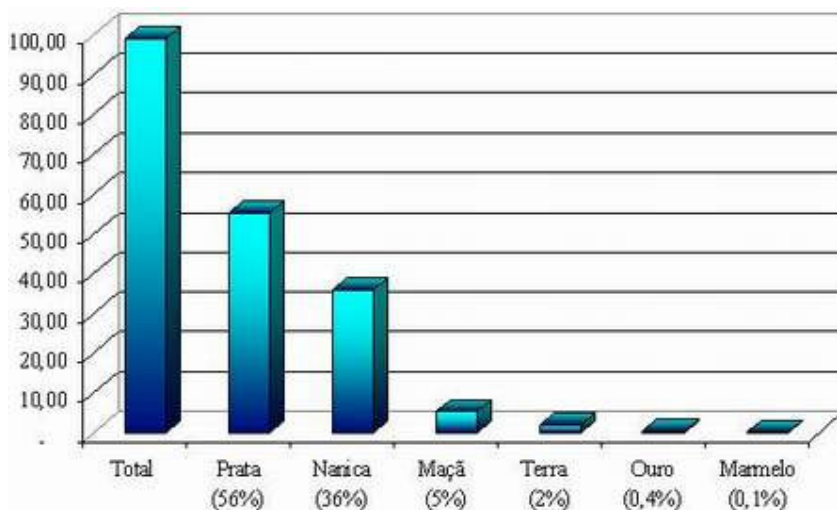


Figura 01. Oferta de banana na CEASA GRANDE BH, em mil toneladas (2002).

O carro chefe da

bananicultura mineira, portanto, são as bananas Prata e Nanica. Apesar de muito bem aceitas pelo consumidor, essas variedades apresentam algumas desvantagens agrônomicas como susceptibilidade as sigatokas amarela e negra, a nematóides (especialmente ao *Radopholus similis*), à broca do rizoma e acrescentando-se no caso da Prata, ao mal-do-Panamá. Estes problemas fitossanitários têm representado grandes prejuízos para o produtor, chegando a inviabilizar o cultivo em algumas propriedades. Além de todas as ameaças com as quais o produtor já convive, vivemos agora na eminência da chegada da sigatoka negra aos bananais comerciais. Esta doença de grande potencial de destruição foliar, que já se encontra em todos os estados da região norte e Mato Grosso, apresenta alto custo de controle pelo grande número de pulverizações necessárias, além de manejo técnico especializado.

Essa baixa variabilidade genética que caracteriza a bananicultura (não apenas mineira), representa um grande risco, seja pela falta de novas cultivares ou pela sua dizimação por uma doença. Foi o que ocorreu no passado com a bananicultura latino-americana de exportação, baseada apenas na cultivar Gros Michel, suscetível ao mal-do-Panamá. O uso de cultivares resistentes é a estratégia ideal, do ponto de vista econômico e de preservação do meio ambiente.

O consumidor brasileiro tem algumas preocupações em relação aos alimentos industrializados que certamente podem ser estendidas às frutas. A presença de contaminantes e resíduos químicos e o valor nutricional dos alimentos estão entre os itens considerados importantes pelos consumidores. Essas observações revelam um mercado potencial para frutas produzidas com menor emprego de agroquímicos, dentro de programas de fiscalização e certificação. Na bananicultura, essa preocupação já chegou aos tradicionais centros produtores de frutas para exportação. O plantio de variedades resistentes a determinadas doenças, que exijam (ou dispensem) uso de agroquímicos, poderá possibilitar a oferta ao mercado, de produtos com um diferencial de qualidade desejado pelos consumidores.

Apresentam ainda como vantagens a melhoria da capacidade produtiva e redução do custo de produção.

Visando a obtenção de genótipos resistentes ou tolerantes a doenças e pragas, além da introdução de materiais resistentes desenvolvidos por programas de melhoramento de outros países, a Embrapa Mandioca e Fruticultura criou e coordena o programa de melhoramento da bananeira a mais de 20 anos. Já foram geradas dezenas de híbridos, com diferentes características de resistência, arquitetura da planta, produção e qualidade de frutos. Os genótipos promissores selecionados pelos pesquisadores precisam ser avaliados nos diferentes agrossistemas quanto a seu comportamento agrônomico e qualidade de frutos.

Objetivando apresentar alternativas ao produtor regional, o Centro Tecnológico do Norte de Minas (CTNM), pertencente à Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), tem trabalhado em parceria com a Embrapa, na avaliação de vários destes genótipos de bananeira com diferentes graus de resistência a pragas e doenças.

Avaliação de genótipos de bananeira no Norte de Minas



Foto: Caipira

Trabalho finalizado:

Nos trabalhos mais recentes foram avaliados os três primeiros ciclos de produção das variedades Prata Anã e Caipira e dos híbridos FHIA 1, FHIA 18, SH 3640 e Pioneira. Estas plantas foram conduzidas no Perímetro Irrigado de Jaíba, em um solo classificado como Latossolo Vermelho Amarelo, sob irrigação por microaspersão e plantadas no espaçamento 3,0 x 2,7 m. A

condução da unidade foi feita segundo o sistema de produção preconizado para o cultivo de Prata Anã,

uma vez que ainda não existem recomendações específicas. Não foi realizado controle da sigatoka amarela.

Os híbridos FHIA 1, FHIA 18 e SH 3640 são tetraplóides (AAAB) procedentes do programa hondurenho de melhoramento.

Todos se mostraram superiores em produção à Prata Anã, da qual se originaram (parental feminino), além de apresentarem média resistência à sigatoka amarela. Apesar da alta incidência de seca das folhas promovida pela sigatoka amarela, em função do alto inóculo observado na região durante o período de avaliação, estes materiais apresentaram cachos com o dobro do peso dos cachos da banana Prata Anã (Tabela 04). O maior peso de cacho foi apresentado pelo SH 3640, com 34, 42 e 54 kg nos três primeiros ciclos, respectivamente. Estes três genótipos apresentaram também os maiores frutos, tanto em comprimento e diâmetro, quanto em peso. Novamente os maiores valores foram apresentados pelo SH 3640, com frutos de 212, 234 e 283 g, nos três primeiros ciclos respectivamente.



Foto: FHIA 1

Além da alta produtividade apresentada por esses híbridos hondurenhos, aqui confirmada, outras vantagens levaram a sua escolha para avaliação. Os FHIA 1 e FHIA 18 são também resistentes à sigatoka negra e FHIA 1 e SH 3640 são resistentes ao mal-do-panamá.

O híbrido Pioneira também é um tetraplóide (AAAB) originário da Prata Anã, porém foi desenvolvido pela Embrapa Mandioca e Fruticultura. Entre os híbridos avaliados este é o que mais se assemelha à Prata Anã, tanto em formato e tamanho de fruto (Tabela 4), quanto em paladar. Apesar da alta pressão de inóculo de sigatoka amarela, este híbrido não apresentou lesões da doença, mostrando alta resistência. Apresenta como desvantagem entretanto, a não resistência à sigatoka negra e despencamento superior ao da Prata.

A variedade Caipira é um triploíde (AAA) de origem africana, que se difere dos outros materiais avaliados por ser mais semelhante à banana Ouro. Apresentou peso de cacho semelhante ao da Prata Anã (Tabela 04), porém com frutos menores e em maior número. Assim como o Pioneira, não apresentou lesões de sigatoka amarela em função da sua alta resistência. Apresenta alta resistência também ao despencamento e à sigatoka negra, o que torna este genótipo interessante para plantios em áreas com fitossanitários.



Foto: Pioneira

Em função desta resistência, em 2001 cerca de 600.000 mudas de Caipira foram vendidas para os estados do Acre e Amazonas, primeiros estados a registrarem a ocorrência da sigatoka negra.

O número de dias entre o plantio e a colheita do primeiro ciclo foi de: Prata Anã- 309; Pioneira- 310; FHIA 18- 344; FHIA 1- 347; SH 3640- 370 e Caipira-382. A Pioneira portanto foi mais precoce e o SH 3640 foi mais tardio

assim como a Caipira. Todos os genótipos têm porte médio, sendo que à exceção da Caipira, apresentam aspecto vigoroso, semelhante ao da Prata Anã. Apesar da Caipira apresentar pseudocaule fino não houve caso de quebra por vento.

Após estas avaliações de comportamento agrônômico foi feita caracterização química dos frutos, analisados quando no estágio 6 de maturação, ou seja, completamente amarelos. Os materiais apresentaram valores estatisticamente iguais para pH, acidez total titulável (ATT), açúcar e amido. Quanto a sólidos solúveis totais (SST), houve diferença entre os materiais, sendo que a Pioneira apresentou os maiores teores e o FHIA 1 os menores (Tabela 05).

Tabela 04. Avaliação dos três primeiros ciclos de produção, de genótipos de bananeira cultivados na região norte de Minas Gerais.

	Peso do cacho (kg)	Número de pencas por cacho	Número de Frutos por cacho	Peso médio do fruto (g)	Fruto central da mão externa da segunda penca		
					Peso (g)	Comprimento (cm)	Diâmetro (mm)
Primeiro ciclo							
Prata Anã	17	8,4	119	117	127	14	3,5
FHIA 1	33	10,8	156	181	194	16	3,7
FHIA 18	27	9,9	145	164	187	16	3,7
SH 3640	34	9,8	138	212	234	17	4,0
Pioneira	14	7,7	96	123	140	14	4,5
Caipira	24	9,2	181	117	119	12	3,5
Segundo ciclo							
Prata Anã	21	9,7	129	146	156	15	3,8
FHIA 18	34	11,3	180	169	192	16	3,7
FHIA 1	40	11,7	193	177	202	17	3,7
SH 3640	42	10,0	155	234	256	18	4,1
Caipira	18	9,1	174	92	96	11	3,4
Pioneira	19	8,8	119	137	149	16	3,4
Terceiro ciclo							
FHIA 1	57	13,0	226	228	258	19	4,2
FHIA 18	52	13,1	234	199	233	19	4,0
SH 3640	54	11,0	179	283	321	21	4,5
Pioneira	23	9,7	145	133	146	16	3,3
Caipira	20	10,1	208	86	86	11	3,3

Tabela 05. Avaliações químicas dos frutos maduros de genótipos de bananeira cultivados no Norte de Minas Gerais.

	pH	ATT (%)	SST (° brix)	Açúcar (%)	Amido (%)
Pioneira	4,6 A	0,55 A	21,0 A	16,5 A	1,43 A
FHIA-18	4,5 A	0,56 A	20,0 AB	14,4 A	1,04 A
SH-3640	4,3 A	0,60 A	19,6 AB	15,5 A	0,97 A
Caipira	4,7 A	0,49 A	19,3 B	14,9 A	2,00 A
FHIA-01	4,6 A	0,52 A	15,5 C	13,4 A	1,47 A

Médias seguidas da mesma letra na mesma coluna, não diferem entre si pelo teste de Tukey a 5%.

Trabalhos

em

andamento:

Em uma área também pertencente à Epamig, localizada em Nova Porteirinha, dentro do Perímetro Irrigado do Gortuba, se encontra em fase final de avaliação, mas com resultados ainda não disponíveis, outros genótipos.

Estes híbridos e materiais tradicionais utilizados como testemunhas, que estão sendo avaliados, são: Nanicão, Bucaneer, Ambrosia, Yangambi 42-47, Yangambi 42-17, Yangambi 42-08, Yangambi 42-03,

Yangambi 42-07, YB42-21, Pacovan, PV42-85, PV 42-142, ST42-08, ST12-31, FHIA 21, FHIA 02, Prata Anã 4232B, PA42-44, PA 4219.



Foto: FHIA 18

Trabalhos a serem implantados:

Em janeiro de 2003 foram aprovados junto ao Ministério da Ciência e Tecnologia, outros dois subprojetos que visam a introdução de genótipos na região. Esses trabalhos foram propostos a pedido dos produtores da região, que se sentem ameaçados pela possibilidade de chegada da sigatoka negra nos bananais locais, além de esperarem por uma resposta do mercado à introdução destes genótipos

ainda pouco conhecidos.

O primeiro subprojeto prevê a avaliação de 14 genótipos resistentes à sigatoka negra, quanto a seu comportamento agrônomico e qualidade de frutos. São eles: FHIA 18, PC 4201, ST 4208, Prata Zulu, Pacovan Ken, Caipira, Thap Maeo e como testemunha, a Prata Anã.

Considerando a importância da resposta do mercado à introdução destas alternativas, o que ainda não foi feito na região, pretende-se instalar o segundo subprojeto aprovado, objetivando avaliar 5 genótipos quanto a sua aceitação nos principais mercados. São eles: PC 4201, ST 4208, Pacovan Ken, Caipira, Thap Maeo. Estes frutos serão fornecidos aos mesmos mercados por um período mínimo de um ano, para avaliar não apenas a preferência do consumidor mas também sua constância de consumo.



Foto: SH 3640

Considerações

Sabe-se que a mudança de variedade é uma alternativa de difícil adoção, porque não depende unicamente do produtor.

Como regra, produz-se o que o mercado quer comprar. A 'Prata Anã', atualmente a cultivar mais plantada no Norte de Minas, não tinha, até o início da década de noventa, o espaço hoje adquirido.

Provavelmente ocorrerá o mesmo com outras cultivares que venham a ser introduzidas no sistema de produção. Por estas razões a região vem gradativamente inserindo variedades que apresentam resistência as sigatokas amarela e negra, além do mal-do-panamá, no seu rol de cultivares, na expectativa de torná-las conhecidas no mercado.

Alguns produtores já produzem e comercializam, em pequena escala, frutos do tipo Yangambi, FHIA 1, FHIA 18, SH 3640 e Caipira. Destes, os mais plantados hoje são SH 3640 e a Caipira.

Em 2001, apenas um produtor da região adquiriu um lote de 18.000 mudas de Caipira.

Visitação das unidades

Esses campos de avaliação dos novos materiais estão abertos para visita e mesmo depois de terminadas as avaliações, são mantidas com este objetivo. Os interessados devem procurar a Epamig

para agendar as visitas, o que pode ser feito pelo telefone (038)3821.2160 ou pelo e-mail epamig@nortecnet.com.br. Visite também o site da Epamig: www.epamig.br.

Data Edição: 02/07/2003

Fonte: Enga. Agra. Maria Geralda Vilela Rodrigues e Eng^a. Agr^a. Rosilene Ferreira Souto